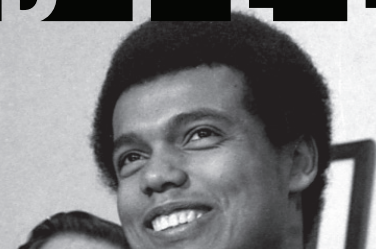


P E D R O T O



C U B I L L A S



E M U I T O M A I S . . .

Autor  
**Jorge Vieira**

Prefácio de  
**António Oliveira**



 eVida

## ÍNDICE

Prefácio .....	9
<b>Capítulo 1</b> - Trajeto desportivo de Jorge Vieira.....	13
<b>Capítulo 2</b> - Pedroto – o responsável pela minha carreira? .....	29
<b>Capítulo 3</b> - Primeiros passos.....	45
<b>Capítulo 4</b> - A contratação de Cubillas: sonho tornado realidade .....	55
<b>Capítulo 5</b> - Digressões.....	65
<b>Capítulo 6</b> - Arbitragem.....	75
<b>Capítulo 7</b> - Depoimentos e entrevistas que fizeram história .....	101
<b>Capítulo 8</b> - Curiosidades e recordações .....	115
<b>Capítulo 9</b> - Atualidades.....	123
<b>Capítulo 10</b> - Alegrias e tristezas .....	129
Posfácio .....	135
Agradecimentos.....	141

## PREFÁCIO

Como dizia Fernando Pessoa, “Deus quer, o Homem sonha e a Obra nasce”. É da ação humana que os sonhos se tornam palpáveis e é pela sua mão que os grandes feitos se conquistam. A obra perdura no tempo precisamente por que se sustenta nos valores e ideais que determinaram o seu nascimento.

Podemos dizer que o Futebol Clube do Porto passou por um processo de criação deste género. Faço parte de uma geração que vivenciou um período em que as vitórias do clube eram escassas. Que se indignou com as injustiças e que tinha a perfeita noção de que era preciso mudar. Era necessária a entrada de gente predestinada, visionária e conhecedora do futebol, capaz de apontar um destino e filosofia, que traçasse um caminho acertado para devolver novamente a rota das vitórias ao clube.

Esse ponto de viragem acontece no início da década de 70 do século passado. Fruto do empenho e coragem de atletas,

treinadores e dirigentes, a atual hegemonia do Futebol Clube do Porto no futebol português tem a sua génese nessa altura. As gerações mais novas provavelmente desconhecem muitas das figuras que tiveram papel ativo nesta mudança e que trouxeram as vitórias de volta ao clube, depois de uma travessia no deserto de 19 anos sem vencer o campeonato nacional.

No espaço de quatro décadas, o Futebol Clube do Porto traçou um caminho de glória, cresceu e ganhou dimensão mundial. Para isso, o trabalho de todos os profissionais que por lá passaram foi muito importante nestes anos todos. Consolidou-se um espírito coletivo e uma filosofia de grupo transmitidos em contínuo para os novos elementos, que distinguem o clube dos adversários.

Enquanto diretor do departamento de futebol profissional, Jorge Vieira ajudou a lançar a semente de um Futebol Clube do Porto pujante. Conheci-o em 1970. Na altura, tinha eu acabado de transitar dos juniores para a equipa sénior. Acolheu-me da melhor maneira possível e acabámos por desenvolver uma relação de amizade que ainda hoje perdura. Sempre se caracterizou por cultivar uma relação muito próxima com os jogadores. Carinhosamente tratava-o por “padrinho”.

Mas isso não o impedia de vincar a forte personalidade e liderança. Certo dia, José Mourinho referiu que “a execução da autoridade vai-se esbatendo com o tempo e com a empatia que se cria. Uma pessoa chega e mostra quem é e o que

pode fazer. Afirma-se e estabelece regras. A liderança toda a gente deve senti-la e ninguém a ver”. Não podia estar mais de acordo. Era assim que todos viam Jorge Vieira.

Um líder não precisa de mostrar que o é, basta sê-lo. Arisco em dizer que, a par de outras figuras históricas do clube, Jorge Vieira assumiu um papel importantíssimo na formação de muitos jogadores que passaram pela equipa, assim como na transmissão dos valores e da mística especial que ainda hoje constituem os grandes pilares em que se baseia o sucesso do Futebol Clube do Porto.

A história quis que Jorge Vieira ficasse intimamente ligado à contratação de Teófilo Cubillas, um astro do futebol mundial que veio a assinar pelo Futebol Clube do Porto em 1973. Tratava-se de uma operação quase impossível, em função do elevado preço do jogador, mas a união do universo portista acabou por transformar o sonho em realidade.

Além de quantias cedidas por empresários e sócios do clube, recorde-me que Jorge Vieira pediu igualmente aos jogadores para contribuírem monetariamente para a vinda de Cubillas. Sentimos que o seu apelo era genuíno e surgia pelo grande amor que tinha pelo clube. Não desistiu à mais pequena adversidade e, com a ajuda de todos, conseguiu concretizar o seu objetivo de trazer o jogador peruano para Portugal.

A contratação visionária de Cubillas acabou por se revelar um sucesso. Em termos desportivos, o jogador confirmou todas as credenciais. Por outro lado, a marca Futebol Clube do Porto acabou por ganhar maior projeção internacional. O clube passou a ser mais conhecido e temido dentro e fora de portas.

Tive a felicidade de vivenciar alguns dos momentos que são retratados neste livro. Momentos que traçam os primeiros passos de uma força prestes a ebulir, de um clube que soube encontrar o seu destino e de um profissional que assumiu essa causa como própria. Estas são memórias que fazem a história do Futebol Clube do Porto e dos profissionais que lá trabalharam. Os livros ajudam-nos a recordar. A valorizar a obra. A contemplar um quadro pintado no passado que ainda brilha no presente.

Mas os livros são mais do que isso. Jorge Luís Borges afirmou que são “uma extensão da memória e da imaginação”. Recordar com os mais velhos e partilhar com os mais novos. Alargar a memória e estender o imaginário. É este o mérito desta obra. São as pessoas que fazem um grande clube e foram figuras como Jorge Vieira que ajudaram o Futebol Clube do Porto a ter a força que tem nos dias de hoje.



(António Oliveira)

# CAPÍTULO 1

## O TRAJETO DESPORTIVO DE JORGE VIEIRA

1936

- Inicia-se o terceiro governo de Salazar.
- É criado o campo prisional de Tarrafal, em Cabo Verde.
- O Governo português corta relações com o Governo republicano espanhol.
- Começa a guerra civil em Espanha, que provocou 400 mil mortos e destruiu meio milhão de prédios.
- Nasce o escultor José Rodrigues.
- Nasce o jornalista Acácio Barradas.
- Nasce o político, diplomata, jornalista e escritor Álvaro Guerra.
- Nasce o pintor moçambicano Malangatana.

Nasce em Coimbra – freguesia da Sé Nova –, no dia 25 de agosto, Jorge Vieira. Os pais regressam ao Porto em 1938, onde os três se fixaram a partir daí, inicialmente, na Rua Visconde de Setúbal.

O longo, profícuo e invejável trajeto desportivo de Jorge Vieira decorreu durante mais de três décadas, peçadas de sucessos mas marcadas também, aqui e além, como tudo na vida, por algumas contrariedades.

Homem de honestidade e integridade a toda a prova – ainda hoje, por todo o lado onde passa, muitos são os amigos que lhe tolgem o passo para o abraçar e para trocar muitos dedos de conversa –, nem sempre as suas opiniões foram incontrovertidas, porque desagradavam àqueles que estavam instalados no poder e que tinham uma visão mesquinha da realidade e do futuro.



*Jogador das escolas do F.C.P., orientadas por mestre Artur Baeta, de 1951 a 53, tendo atingido o escalão Júnior B*





*Na Casa do Gaiato, com Mário Campos e Bernardino Couto*

Ao contrário – sobretudo quando assumiu funções no domínio do dirigismo da arbitragem –, Jorge Vieira foi frequentemente um homem que estava à frente do seu tempo, um visionário, um sonhador, alguém que, como poucos, perspetivava o futuro com uma rara lucidez.

A comprová-lo estão as numerosas entrevistas e os múltiplos depoimentos publicados em variados jornais, cujos principais extratos neste livro publicamos, com a devida vénia aos seus autores, sempre devidamente identificados.

O primeiro pontapé na bola deu-o na Rua de Bolama, numa bola de trapos devidamente homologada pela rapaziada local, em parceria com outros gaiatos da sua idade, por entre alegre alarido. Do “vício” que ali nasceu faziam parte umas “biqueiradas” no alcatrão ou em alguma canela desprevenida que se metia à frente, sempre com muito pundonor e em

partidas muito renhidas mas jamais com árbitro, porque isto de regras “sabe a gente”.

Depois, já devidamente orientado, envergou pela primeira vez uma camisola oficial, em 1951, como jogador nas escolas do F. C. Porto, sob a direção de mestre Artur Baeta. E assim se manteve até 1953.

Nos anos de 1954 e 1955, como estudante no instituto Stavia, em Stavayer-Le-Lac (Neuchâtel, Suíça), atuou não apenas na equipa daquele estabelecimento de ensino como representou oficialmente, com a qualidade júnior, o clube local – o F. C. Stavayer. De resto, granjeou ali uma popularidade tal que foi chamado ao grupo de teatro da escola – onde era o único português entre alunos de diversas nacionalidades –, para desempenhar o papel de pajem do Rei Católico.



*Equipa do Instituto Stavia, do cantão de Nauchâtel (Suíça), da qual fazia parte (último à direita, em baixo)*

*No Instituto Stavia, Jorge Vieira (o pajem do “Rei Católico”), com o diretor da instituição (à esquerda) e o seu chefe e “inimigo” (o “Sultão”), que fazia o papel de rei árabe no intervalo do desempenho de uma peça de teatro. Por sinal, o papel de “Sultão” ficava mesmo “a matar” ao chefe, que era, a um tempo, egípcio e muçulmano. Mas a fraternidade imperava...*



Os anos passam e em 1972, a convite de Américo Sá, ocupa, até meados de 1974, o cargo de diretor do futebol sénior do F. C. Porto. Na circunstância, os ensinamentos recebidos de Pedroto permitem-lhe uma fácil adaptação ao cargo.

Em 76, aceita o cargo de presidente do Conselho Técnico da Associação de Futebol do Porto.

Quatro anos volvidos, é convidado para presidir ao Conselho de Arbitragem daquela associação, que aceita e cumpre até ao final do mandato. Não avançou para um segundo mandato – embora o F. C. Porto tivesse avalizado a sua candidatura – porque ao então presidente da AFP não lhe interessava essa continuidade: não lhe “dava jeito” um trabalho sério...

Mais tarde, Silva Graça, ministro do Desporto do Governo Provisório, concebeu a realização de torneios infanto-juvenis de futebol, entregando a realização à Direção Geral dos Desportos, através das respetivas delegações, pretendendo começar por uma competição que ocupasse o período de férias.

Em 1983, Romão Martins convida-o para integrar a lista, na qualidade de vice-presidente, para a Federação Portuguesa de Futebol.

---

## “Teixeira Dias: o presidente mais futebolístico”

---

“Por iniciativa e a convite de Teixeira Dias, coordenei um movimento de futebol juvenil que pela primeira vez se realizou – o Torneio Interassociações, que permitiu contactos entre jovens de zonas do país, saudável não só em termos desportivos como, no que diz respeito à problemática social.

Sublinhe-se que, na altura, Teixeira Dias era o presidente interino, tendo assumido, por impedimento do efetivo, Sardoeira Pinto, afastado pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol devido a declarações proferidas após uma final de juniores em Coimbra que opôs o F. C. Porto ao Sporting e em que contestou a arbitragem.

Conheci dirigentes, preparadores físicos e comentadores que tinham muito a ver com o futebol... só que o futebol é que não tinha nada a ver com eles!

Refiro que, para mim, Teixeira Dias foi o presidente mais ‘futebolístico’ que conheci. Era o chamado, ‘homem do futebol’, que pretendeu servi-lo, ao contrário de alguns, que se serviram dele.

Só lamento que não tenha sido reeleito. Mas, se tal não aconteceu, não ficou a dever-se à falta de capacidades, mas sim aos regulamentos existentes na altura, que eram obsoletos e anacrónicos, dado que eram os clubes a indicarem as pessoas, independentemente de estas terem ou não capacidades para preencherem os cargos. Foi assim que se perdeu a possibilidade de a Associação de Futebol do Porto ter outra dinâmica. O que se procurava era lugares para as pessoas – e não pessoas para os lugares. Era muito mau...”

---

## **No conselho técnico da AFP: julgamentos de causas perdidas**

---

“Pouco tempo depois da minha saída da Direção do F. C. Porto, fui convidado para presidir ao Conselho Técnico (CT) da Associação de Futebol do Porto.

Depois de tomar conhecimento das funções de tal cargo, aceitei o lugar. Como o CT podia apresentar sugestões de ordem técnica, fizemos algumas propostas, tais como a alteração do tempo de jogo para as classes júnior e infantil, respetivamente de 40 para 45 minutos e de 35 para 40; do tamanho da bola para juvenis, de medida reduzida para o tamanho normal; de permitir que os treinadores pudessem transmitir indicações aos jogadores (até ali não só não era permitido como era penalizado) e ainda outras sugestões.

Dado que, passado o tempo suficiente para termos respostas às nossas sugestões, não surgiu nenhuma mudança, no final do mandato rejeitei a continuidade – a nossa ação resumia-se ao julgamento de protestos e de causas perdidas...”

---

## Num ato inédito, jornalistas homenagearam Jorge Vieira

---

Num gesto que não tinha conhecido igual até ao momento e, tanto quanto o autor destas linhas tem conhecimento, não se repetiu no país, um numeroso grupo de jornalistas do Porto – televisão, jornais e rádio – homenageou um dirigente desportivo, no momento em que abandonou as funções que desempenhou à frente de um clube – na circunstância, mais concretamente no restaurante “Arca de Noé”, na Rua de Sá da Bandeira.



*Entrega de uma lembrança de homenagem a Sir Bobby Charlton, capitão do Manchester United, na festa de apresentação de Heredia*

Decorria abril de 1974. Jorge Vieira deixaria, dentro de dias, a “patente” de diretor do futebol sénior do F. C. Porto.

Os jornalistas deixaram bem vincado que aquele ato só foi possível porque Jorge Vieira, apesar das dificuldades e das responsabilidades inerentes ao cargo, sempre soube entender com exatidão a atividade dos que têm por missão informar, criando amigos e deixando saudades.

---

## Convívios entre dirigentes e Imprensa

---



*Equipa mista, com dirigentes do F.C.P., Boavista. Leixões e Espinbo. Treinador: Hernâni Silva. Presidente: Américo Sá. “Atletas”: Valentim Loureiro, Gomes de Almeida (Lito), Jorge Vieira, Américo Sá, Hernâni Silva, Pinto de Sousa, Cordeiro dos Santos, Daniel Mendes, Avelino Ribeiro e Álvaro Braga*

“Ainda tenho bem presentes os saudáveis convívios que se faziam entre dirigentes desportivos e profissionais da Imprensa, levados a efeito em diversas ocasiões e compreendendo ‘terríveis’ jogos de futebol seguidos de ‘suculentas’ almoçaradas, em que ninguém queria ficar a perder...

Perdas – essas sim e com imensa mágoa –, registo as de vários extraordinários convivas, que primavam por um impoluto carácter e por uma elevada formação.

Entre vários outros, deixo aqui o preito da mais sentida homenagem ao Ilídio Inácio, ao Nuno Brás, ao Gomes de Almeida, ao António Matos, ao Fernando Mendes, ao Serafim Ferreira, ao Manuel Dias, ao Melo e Costa...”

---

## **Eleições para a FPF em 1983: “Labirinto de arranjos e intrigas”**

---



*Junto dos presidentes associativos apoiantes de Romão Martins*



“Em 1983, fui convidado por Romão Martins para vice-presidente da sua lista candidata à Federação Portuguesa de Futebol. Como tínhamos o apoio da maior associação do país – a do Porto –, presidida por Adriano Pinto, a vitória sobre a lista de Silva Resende era óbvia.

Na véspera das eleições, realizou-se um jantar na casa de fados da Fernanda Maria, ‘Lisboa à Noite’, com a presença dos presidentes associativos dos vários distritos, apoiantes da candidatura de Romão Martins. E lá estava também Adriano Pinto. Presentes estavam ainda os elementos que iriam compor o elenco diretivo.

O ambiente decorreu justificadamente em jeito de vitória antecipada, com brindes e parabéns. Só que, no dia seguinte, após a votação, não se confirmou a vitória obviamente esperada, tendo a nossa lista registado a menos os votos do que os que eram esperados e que correspondiam à Associação de Futebol do Porto.

Como que a registar esta situação anómala, não deixa de ser curioso sublinhar a pretensamente subtil, mas muito rápida ausência, de Adriano Pinto do local das eleições, logo após o ato. A velocidade da saída teria estado em relação direta com o problema de consciência?

Dou a palavra ao jornalista Alfredo Barbosa, que, na edição de 27 de outubro de 1983 de ‘A Bola’, escreve: ‘Os

# “Um líder não precisa de mostrar que o é, basta sê-lo.” *in Prefácio de António Oliveira*



**Jorge Vieira**

Jorge Vieira iniciou o seu percurso desportivo em 1972. Primeiro como diretor do futebol profissional do F. C. do Porto, depois como presidente do Conselho Técnico da Associação de Futebol do Porto e a seguir como presidente do Conselho de Arbitragem daquela associação.

Foi candidato às eleições federativas, na lista de Romão Martins, como vice-presidente, e coordenador da AFP e da DGD, na organização de torneios infantis.

Em todas as funções que desempenhou, Jorge Vieira foi um exemplo de dignidade e de verticalidade, destacado entre os seus pares, os jornalistas e em todo o universo ligado ao desporto.



é uma marca registada da Vida Económica - Editorial, SA

ISBN: 978-972-788-748-4

